

Ministério da Cultura, Governo de Minas Gerais,
Cemig e Instituto Unimed-BH apresentam



FESTIVAL

Acessa BH 2023

3ª EDIÇÃO

14 a 30
de Setembro

Presencial. Gratuito. Acessível.



@accessabh

www.acesabh.com.br

Em 2023, o **Festival Acessa BH** chega em sua terceira edição, mantendo o propósito de promover o protagonismo dos artistas com deficiência, tanto nos palcos, como no centro dos debates e de realizar um evento acessível e democrático, para todas as pessoas com e sem deficiência.

Essa será a primeira vez que o evento será realizado de forma totalmente presencial em Belo Horizonte, com uma ampla programação de teatro, dança, performances, contação de histórias, lançamentos de livros, filmes, debates e oficinas. Toda a programação é gratuita e acontece de 14 a 30 de setembro, em seis espaços da capital: Centro Cultural Unimed-BH Minas, Cine Humberto Mauro e Teatro João Ceschiatti, no Palácio das Artes, Funarte-MG, Livraria do Belas, Memorial Minas Gerais Vale e Palácio da Liberdade.

Dentre as novidades dessa edição, podemos destacar, ainda, que receberemos artistas de outros estados, que além de se apresentarem, também ministrarão oficinas. Teremos nove espetáculos inéditos em Belo Horizonte, sendo quatro estreias, além de dois espetáculos com dramaturgia descritiva. E também produções audiovisuais, em sessões comentadas pelos diretores e/ou atores dos filmes.

Outro diferencial dessa edição é que ampliamos nosso time de consultores em acessibilidade, que agora passa a contar com diversos profissionais, especialistas em suas áreas.

Complementarmente ao Festival, teremos o **Seminário Acessa BH** que promoverá mais quatro debates e uma oficina online, além de uma oficina presencial, de 02 a 06 de outubro. A programação completa está disponível no site www.acessabh.com.br

Esperamos que o Acessa BH seja um espaço potente de encontro, transformação, discussão e de troca de experiências, onde todos possam se divertir, refletir e aprender.

E é muito importante reforçar: o Acessa BH é um Festival para todos! Sejam muito bem-vindos!!!

Daniel Vitral e Lais Vitral
Idealizadores do Acessa BH

Programação Completa

14/09

19h – Abertura oficial seguida do espetáculo Canto dos Malditos
Marcos Abranches (SP)

15/09

9h às 13h – Oficina Arte Acessível: o Artista com deficiência, o ator criador e o teatro documentário - Cleber Tolini (SP)

14h às 17h – Oficina Dança para todos os corpos – Marcos Abranches (SP)

20h – Tecituras em Dança – Cia Kinesis de Dança (MG)

16/09

9h às 13h – Oficina Arte Acessível: o Artista com deficiência, o ator criador e o teatro documentário - Cleber Tolini (SP)

14h – DoroTEA – A Peixinha Autista – Leitura do livro e roda de conversa sobre autismo e inclusão - Bruno Grossi e Daniele Muffato (MG)

20h – O Subnormal – Uma História de Baixa Visão – Cleber Tolini (SP)

17/09

19h – Terra Raiz – Renata Mara e Sara Marchezini (MG)

19/09

20h – E.L.A – Jéssica Teixeira (CE)

20/09

17:45 - Filme Meu nome é Daniel - Daniel Gonçalves (RJ)

Sessão apresentada pelo diretor

19:30 – Sessão de curtas

Big Bang – Carlos Segundo (MG)

O que pode um corpo? - Victor Di Marco e Márcio Picoli (RS)

Partindo do princípio que a terra é plana, sou toda curva e desvio

Jéssica Teixeira (CE)

Possa Poder - Victor Di Marco e Márcio Picoli (RS)

Sessão seguida de debate com Daniel Gonçalves, Giovanni Venturini,
Jéssica Teixeira e Victor di Marco

Mediação: Sara Paoliello

21/09

20h – Corpo Celeste - Giovanni Venturini (SP)

Apresentação seguida de roda de conversa com Giovanni Venturini

Mediação: Brisa Marques

22/09

16h – Adaptat – Lívea Castro | Nó Movimento em Rede (PR)

20h – O Jogo – Guilherme Théo e Oscar Capucho (MG)

23/09

17:15 – A óperária - Brisa Marques, Samuel Samways, Carô Rennó, Jefferson Assis e Rafael Pimenta (MG)

18h – Filme O Artista e a Força do Pensamento – Elder Fraga (SP)

Sessão comentada pelo curador, diretor e produtor Marcelo Cesar Silva

20h – O Menino do Olho que vê – Pigmentar Companhia (MG)

24/09

19h – Migrantes de si – Renata Mara e Samuel Samways (MG)

28/09

20h – Lunáticas – Sapos e Afogados (MG)

29/09

19h - Lançamento dos livros “Submersa, vinte anos entre Sapos e Afogados”

Juliana Saúde Barreto (MG) e “**Casa Breve, uma atriz louca em três tempos**”

Viviane de Cassia Ferreira (MG)

30/09

11h e 16h – Andanças Urbanas – Cia Ananda (MG)

Abertura Oficial

14/09 – Quinta-feira - 19h

Funarte – Galpão 1

Maria Marighella

Presidenta da Funarte

Aline Zeymer

Coordenadora de Acessibilidade Cultural da Secretaria de Formação,
Livro e Leitura do Ministério da Cultura

Milena Pedrosa

Secretária de Estado Adjunta de Cultura e Turismo de Minas Gerais

Bruno Hilário

Diretor Cultural da Fundação Clóvis Salgado - Palácio das Artes

Eliane Parreiras

Secretária Municipal de Cultura de Belo Horizonte

Luciana Féres

Presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte

Hannah Rodrigues Drummond

Gerente de Comunicação e Gestão de Incentivos da Cemig

Mercês Fróes

Diretora Presidente do Instituto Unimed-BH

Espetáculos

Canto dos Malditos Marcos Abranches (SP)

14/09 – Quinta-feira

(logo após a abertura oficial)

Funarte – Galpão 1

Duração: 45 minutos



Foto: Cauê Angeli

Espetáculo solo de dança contemporânea que exacerba no corpo a solidão, o fracasso, a tristeza e a desesperança frente às atrocidades da vida. Abranches traz para a cena como um desabafo, seus conflitos e questões sobre o homem e a sua inconsistência, sobre a precariedade das relações que nunca se completam, sobre o amor e o abandono, o canto de todos os malditos. A desestética do movimento é sentida pelo abandono e pela rejeição, entendendo que o alívio está no amparo do amor.

Marcos Abranches é coreógrafo e dançarino com “Coreoatetose” rara, decorrente de uma lesão cerebral. Não é uma doença e sim um estado patológico que se manifesta a partir de movimentos involuntários, intermitentes e irregulares da face e dos membros. É importante saber que essa condição não afeta sua inteligência e a utiliza como referência de estudo para a construção de sua linguagem artística corporal, sendo o único coreógrafo brasileiro com paralisia cerebral a propor um estudo sobre dança contemporânea.





Foto: Gilberto Goulart

Tecituras em Dança

Cia Kinesis de Dança (MG)

15/09 – sexta-feira - 20h

Teatro João Ceschiatti - Palácio das Artes

Duração: 50 minutos

“Tecituras em Dança” costura, no palco, as histórias de três mulheres que contam, com o corpo, suas dores e ausências e também os caminhos trilhados para transformá-las em jornadas possíveis de realização. Uma equilibra as pressões de múltiplos papéis sociais, para tentar ser e fazer o que deseja. Outra enfrenta uma sociedade capacitista, que não compreende a deficiência, nem enxerga a mulher além das muletas. E a última chega aos 46 anos, sem filhos, com o desafio de resistir às perguntas e imposições do culto à maternidade.

O espetáculo é fruto de dois anos de pesquisa, norteadas pelo método de improvisação criado pela diretora e fundadora da Cia Kinesis de Dança, Renatha Maia. O resultado é uma criação coletiva em que as três bailarinas atuam como intérpretes-criadoras, decidindo não somente os movimentos, mas também as músicas e os figurinos.

A Cia Kinesis de Dança foi criada em 2021, a partir do trabalho desenvolvido com um grupo de alunas, que se dedicaram a uma pesquisa aprofundada sobre improvisação, baseado no método criado na escola fundada e dirigida por Renatha Maia. O resultado mostra como mulheres que não têm a dança como profissão, e que possuem corpos diversos, podem atuar artisticamente.



18

DoroTEA A Peixinha Autista

Bruno Grossi e
Daniele Muffato (MG)

Leitura do livro e roda de conversa
sobre autismo e inclusão

16/09 – Sábado - 14h

Memorial Minas Gerais Vale

Duração: 60 minutos



Foto: Luany Mattos

DoroTEA é uma peixinha autista, ajuda e ensina tod@s a entenderem cada vez mais sobre o mundo neurodivergente. Tem amigos bem legais e quer apresentá-los à sociedade para que juntos possam construir um mundo mais inclusivo e acessível às pessoas.

DoroTEA chega com delicadeza e muita verdade sobre o que passa em seus dias. Com isso, as pessoas conseguem entender de forma lúdica que o diferente é normal e que é possível conviver com autistas e que todos podem estar em harmonia.

Bruno Grossi e Daniele Muffato são escritores e também duas pessoas autistas que buscam mostrar, através de uma forma lúdica, o que acontece no dia a dia das pessoas com deficiência, com foco na pessoa com o Transtorno do Espectro Autista e seus familiares. Bruno Grossi tem 44 anos, é escritor e artista visual. Já escreveu 6 livros e já ilustrou mais de 40. Daniele Muffato tem 41 anos, é escritora e educadora. Já escreveu 3 livros, dois ainda em fase de lançamento. Os dois promovem capacitação, cursos e palestras para escolas, faculdades, profissionais da educação e saúde, além de espaços abertos para a sociedade. São presidentes da Aspas, Associação Pró-autistas sediada na cidade de São João del-Rei/ MG.





Foto: Eduardo Petrini

O Subnormal - Uma História de Baixa Visão

Cleber Tolini (SP)

16/09 – Sábado - 20h

Teatro João Ceschiatti - Palácio das Artes

Duração: 60 minutos

O monólogo “O Subnormal” conta a trajetória do ator Cleber Tolini que, aos vinte e quatro anos, teve seu nervo ótico afetado após uma neurocirurgia, ficando com 20% de visão ou Visão Subnormal, também conhecida por Baixa Visão. No Brasil, a cada cinco pessoas com deficiência visual, quatro têm baixa visão. O espetáculo traz também material documental original de outras pessoas em condição similar. É do gênero Comédia/Depoimento, pois todo mundo tem uma boa história, basta saber como contar!

Cleber Tolini é formado em artes cênicas pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Consultor em roteiros de audiodescrição com Eliana Franco e Bell Machado. Atuações em diversas obras de teatro desde 1999, consultor em acessibilidade e roteiros de audiodescrição. Atualmente no elenco da novela Todas as Flores, da Globoplay. Autor e Ator do espetáculo O Subnormal - Uma História de Baixa Visão.



Terra Raiz

Renata Mara e
Sara Marchezini (MG)

17/09 – Domingo - 19h

Teatro João Ceschiatti

Palácio das Artes

Duração: 40 minuto



Foto: Carol Rasslan

O cênico inspirado em noções de corpo-território, ancestralidade feminina, atravessamentos geográficos. Pele, limite e possibilidade, travessias de e pelo mundo. Mulher-árvore de raízes ancestrais. Sou eu, e todas aquelas que vieram antes. Sou eu, e todas aquelas que virão. Cresce, vive, morre, cresce, vive, morre. Nos nutre, nos acolhe, nos sustenta, nos enterra. Oculta, úmida, côncava. Uma dança entre terras.

Renata Mara é artista da dança, docente, pesquisadora e psicóloga com baixa visão. Doutora em Teatro pela UdESC, Mestra em Artes pela EBA UFMG e pós-graduada em Arte-Educação e Cultura pela Escola Guignard UEMG. Pesquisa o exercício da criatividade como caminho para o desenvolvimento da espiritualidade. É referência em práticas e estudos ligados à arte, educação, inclusão e acessibilidade.

Sara Marchezini é artista do movimento, fisioterapeuta e facilitadora de práticas corporais. Atua no cenário artístico desenvolvendo produções híbridas que interseccionam dança, audiovisual, poesia e artes visuais. É idealizadora da pesquisa Corpo - Território em Fluxo e desenvolve junto ao Coletivo TEIA a pesquisa Corpos em Trânsito: um octograma biográfico-ancestral.

Desde 2019 as pesquisas das artistas se entrelaçam, dialogando sobre o universo feminino, feminismos e a dança enquanto ritualística e cura.





Foto: Victor Augusto

E.L.A

Jéssica Teixeira (CE)

19/09 – Terça-Feira - 20h

Centro Cultural Unimed-BH Minas

Duração: 70 minutos

Pudesse ser apenas um enigma. Mas, não. O corpo faz problema. O corpo dá trabalho. Pode ser muitos. Pode ser, inclusive, o que não queremos. O corpo será sempre o que ele quiser? É social. É político. É tecnológico. É inconsciente. Pensamento. Desejo. Invisível. Invasor. O corpo se despedaça. É estrutura. É movimento. Mas, sobretudo, é estranho. Eu sou o outro e a outra. Teimo e re-existo. Ele se degenera e E.L.A se faz impossível.

Jéssica Teixeira é atriz, produtora, diretora e dramaturga. Graduada em Teatro - Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará e Mestre em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes também pela UFC. Trabalha com as artes da cena desde os 7 anos e já trabalhou como atriz e produtora de diversos grupos na capital e do interior do Ceará. Tem no seu currículo mais de 30 espetáculos como atriz, performances e videoperformances. Atualmente, desenvolve a pesquisa “Corpo Impossível” tendo como matéria prima seu próprio corpo estranho, que gerou seu primeiro solo E.L.A (2019), onde assina também a dramaturgia e produção e segue circulando pelos principais festivais internacionais do Brasil, também com passagem por Istambul na Turquia. No cinema e audiovisual, esteve como atriz nos curtas “Partindo do princípio de que a Terra é plana, sou toda curva e desvio” (2023), “Assexybilidade” (2023), “Possa Poder” (2022), Curva Sinuosa (2021) e na série “Os Outros” (2023).



14

Corpo Celeste

Giovanni Venturini (SP)

21/09 – Quinta-feira - 20h

Funarte – Galpão 3

Duração: 25 minutos

Apresentação seguida de roda de conversa com Giovanni Venturini.

Mediação: Brisa Marques.



Foto: Cayo Vieira

Um corpo celeste errante, chamado erroneamente de anão. Expulso do sistema. Seu tamanho, seu movimento excêntrico, sua rotação retrógrada - tudo fora dos padrões. Nesta performance, Giovanni Venturini traça paralelos entre seu corpo e Plutão, o ex-planeta que também tem nanismo. Propõe uma reflexão sobre um corpo fora das normas e sua coexistência nesse mundo.

Giovanni Venturini é ator, palhaço, dramaturgo/roteirista e poeta. Seu mais recente trabalho é “Corpo Celeste”, que entrou em órbita recentemente. Na literatura, compartilhou sua poesia através do livro “A não ser”, lançado em 2015. Seu espetáculo solo, com o mesmo título do livro, reúne poesia, teatro e circo somando as vivências e experiências pessoais do ator/autor. Protagonista do curta “Big Bang”, de Carlos Segundo, pelo qual recebeu o prêmio de melhor ator no Festival de Cinema de Brasília 2022. O curta também recebeu os prêmios de melhor curta-metragem no Festival de Cinema de Locarno 2022 na Suíça, Cine Ceará 2022 e Panorama Coisa de Cinema 2022. Seja nos espetáculos ou na escrita, Giovanni sempre traz a discussão de ser um corpo com deficiência, e fora dos padrões estéticos estabelecidos.





Foto: Cayo Vieira

Adaptat

Lívea Castro | Nó Movimento em Rede (PR)

22/09 – Sexta-Feira - 16h

Jardins do Palácio da Liberdade

Duração: 30 minutos

Um diálogo entre linguagens artísticas, pessoas, espaços, olhares, que cria mobilidades por onde habita. Articula relacionamentos com o público por meio de diferentes vias perceptivas estimuladas na criação compartilhada entre dois corpos que dançam. ADAPTAT se move nas margens sensibilizando a presença para outros tipos de ambiência e relação do público com a diversidade.

Lívea Castro é artista da dança, professora, pesquisadora e videoartista residente em Curitiba (PR). Graduada em Dança pela Universidade Estadual do Paraná e pós-graduada em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Foi uma das artistas residentes de ENCUENTROS - ações de diálogo em dança Curitiba/Bogotá (2022) e da 10ª edição do programa de residências 20min. mov (2023). É colaboradora no coletivo Nó Movimento em Rede.



O Jogo

Guilherme Théo e
Oscar Capucho (MG)

22/09 – Sexta-feira - 20h

Teatro João Ceschiatti

Palácio das Artes

Duração: 50 minutos



Foto: Zed Martins

Os atores Guilherme Théo e Oscar Capucho propõem um jogo. Inspirados nas reflexões presentes no livro “A Estranha” de Marcelo Xavier, artista que convive há anos com Ela – Esclerose Lateral Amiotrófica, decidem caminhar juntos. Um impasse: um deles enxerga. Como essa roda gira? O que dizem as cartas de tarô? O baralho revela as potências e obstáculos de um novo par não só para cada um dos dois, mas também para o público. Coloquem seus óculos, abram suas guias, assumam suas fraquezas. “Façam seu jogo, senhores.”

Guilherme Théo é bacharel em Interpretação Teatral pela UFMG. Participa de espetáculos e pesquisas desenvolvidas por diversos grupos teatrais como a Cia. Candongas, o Coletivo Conectores, a Uma Companhia e a Cia. Luna Lunera. Entre seus trabalhos destacam-se os espetáculos “Aqueles Dois”, de Caio Fernando Abreu, e “As Grandes Lonas do Céu”, de Fernando Limoeiro. Recebeu o Prêmio Copasa Sinparc de Artes Cênicas 2015 na categoria de Melhor Ator – Teatro Adulto, por sua atuação no espetáculo “Rosa Choque”, dirigido por Cida Falabella.

Oscar Capucho é ator formado em Teatro Universitário da UFMG. Hoje, componente da Cia Ananda, compartilha sua pesquisa ministrando workshops e residências artísticas pelo Brasil e Europa. Já realizou trabalhos com grandes nomes do meio cultural como Anamaria Fernandes, Fernando Limoeiro, Paula Wenke, Cassia Abranches e Tuca Pinheiro. Cego desde os 9 anos, devido a um alto grau de miopia, é um grande conhecedor da escrita braille, fazendo disso um trabalho como revisor de documentos em braille.





Foto: Acervo Pessoal

A óperária

Brisa Marques, Samuel Samways, Carô Rennó, Jefferson Assis e Rafael Pimenta (MG)

23/09 – Sábado - 17:15

Hall do Cine Humberto Mauro

Palácio das Artes

Duração: 30 minutos

Uma ópera-solo, uma provocação poética, um caminho-dança à espera do próximo filme. Com Brisa Marques, Samuel Samways, Carô Rennó, Jefferson Assis e Rafael Pimenta.

Brisa Marques é performer e escritora, **Carô Rennó** é cantora lírica, **Samuel Samways** é bailarino, professor e coreógrafo, **Jefferson Assis** é músico e **Rafael Pimenta**, músico, arranjador e compositor. Em “A óperária” se encontram pela primeira vez numa performance que mistura canto, dança, música e teatro.



O menino do olho que vê

Pigmentar
Companhia (MG)

23/09 – Sábado - 20h

Teatro João Ceschiatti

Palácio das Artes

Duração: 50 minutos



Foto: Vinícius Oliveira

No palco vazio, o artista mineiro e pessoa com deficiência visual Dudu Melo revive suas memórias de infância, nos conduzindo para uma viagem no tempo em que o artista/menino descobre a vida e revela seus sentimentos mais profundos. O espetáculo conta com dramaturgia audiodescritiva.

Dudu Melo é ator, performer e adora flertar com a dança, tendo iniciado sua trajetória artística após os 50 anos, com formação artística no Galpão Cine Horto. Criou em 2018 a Pigmentar Companhia de Teatro com os espetáculos: “Glauco” (2018) e “Cabra-Cega” (2022). Estreou em 2023 a cena curta “Tesourinha” e realizou a Mostra Pigmentar São Paulo com as obras “O menino do olho que vê” e “Glauco Lava-pés”. No audiovisual, em 2021, participou do clipe Granadilla e da vídeo performance Corpos Em Travessia.





Foto: imagens geradas por IA

Migrantes de si

Renata Mara e Samuel Samways (MG)

24/09 – Domingo - 19h

Funarte – Galpões 2 e 3

Duração: 45 minutos

Partilha estética baseada na experiência de perda gradativa da visão de Renata Mara em diálogo com pesquisas de movimento entre as danças de parceria e o contato-improvisação. Uma dança que começa no palco e nos olhos dos espectadores e, aos poucos, vai chegando no corpo do público. A performance convida a plateia a experimentar seu próprio corpo em movimento a partir de estímulos não visuais.

Renata Mara e Samuel Samways conduzirão os participantes num percurso sensório-perceptivo, retirando-os do lugar de espectador para o de migrantes de si. Ao migrar o olhar de fora para dentro, despertando a presença a partir dos sentidos do tato e da audição, o corpo pode sonhar coletivamente imerso na experiência do invisível.

Renata Mara é artista da dança, docente e pesquisadora com baixa visão. É professora certificada do método DanceAbility, sendo referência nacional em práticas e estudos em arte, educação, inclusão e acessibilidade.

Samuel Samways é artista referência em dança de salão contemporânea. Atua na interseção das danças tradicionais latinoamericanas, danças sociais, capoeira, contato-improvisação e dança contemporânea.

Interessados no fazer artístico por e para todos, atuam juntos desde 2019 em trabalhos cênicos e ações formativas que envolvem pessoas com e sem deficiência.



16

Lunáticas

Sapos e Afogados (MG)

28/09 – Quinta-feira - 20h

Funarte – Galpão 1

Duração: 50 minutos



Foto: Karilita Resende

Uma moça, uma mina, uma puta, uma mãe, uma louca, uma “bruxa”, uma “velha”, uma única. Quantas cabem em um só corpo, em um corpo só? A vida de uma mulher revela-se em ciclos. O que cada um deles guarda? Belezas fugazes? Memórias indeléveis? Fortalezas e fragilidades em fases. Corpo carrega, gera, inspira, renova, germina, floresce, mina... sede e maré cheia, também vaza e é fonte.

Em LUNÁTICAS, as atrizes do Sapos e Afogados - Núcleo de Criação e Pesquisa em Arte e Saúde Mental - performam o tempo dos ciclos do corpo feminino, as quatro estações, os arquétipos femininos no movimento da lua mãe de todas as águas. E brindam a pergunta que o mundo ainda quer saber: O que é uma mulher?

O Sapos e Afogados - Núcleo de Criação e Pesquisa em Arte e Saúde Mental - nasce a partir do trabalho e encontro da atriz e ativista da luta antimanicomial Juliana Saúde Barreto com pessoas em situação de sofrimento mental. Juliana foi responsável pela introdução das oficinas de teatro nos equipamentos de serviço público substitutivo, na cidade de Belo Horizonte, a partir da implementação da reforma psiquiátrica no Brasil com a Lei 10.216. Há 21 anos mantém as ações do grupo Sapos e Afogados promovendo a reinserção sociocultural da pessoa com sofrimento mental, em diálogo com a cidade e com sua cena cultural.





Foto: Gilberto Goulart

Andanças Urbanas

Cia Ananda (MG)

30/09 – Sábado - 11h e 16h
Jardins do Palácio da Liberdade
Duração: 50 minutos

Trata-se de um espetáculo de rua, poético, lúdico, para toda a família. A criação de dança e música propõe uma interação com o espaço urbano e com o público nele presente. Tem também um caráter de pesquisa permanente, tendo em vista que cada apresentação se faz única, à medida que o trabalho se constrói através de elementos estruturados (composições pré-estabelecidas) e elementos a serem estruturados (composições instantâneas) que variam conforme cada espaço, cada público. A diversidade de corpos e estéticas, questão cara à Cia Ananda, se faz presente na criação.

A **Cia Ananda** foi fundada em 2017 pela dançarina e coreógrafa Anamaria Fernandes, juntamente com 20 outros artistas. Foi projeto de extensão da UFMG até o ano de 2020. Desde 2021, a cia se configura como um coletivo de artistas que promove múltiplas atividades: espetáculos, oficinas, formações, palestras e criações de filmes. Todas essas ações compartilham uma abordagem artística comum: a estética da diferença, a estética da diversidade. Através de seu trabalho de criação e oficinas, a Cia Ananda funda sua pesquisa e ações em torno da investigação gestual e vocal, da autoralidade, da noção do encontro, da diversidade, do compartilhamento e da acessibilidade. Ela confere uma atenção especial aos públicos que enfrentam dificuldades de acesso à direitos sociais e culturais fundamentais.



Filmes

20/09 – Quarta-feira

Cine Humberto Mauro - Palácio das Artes

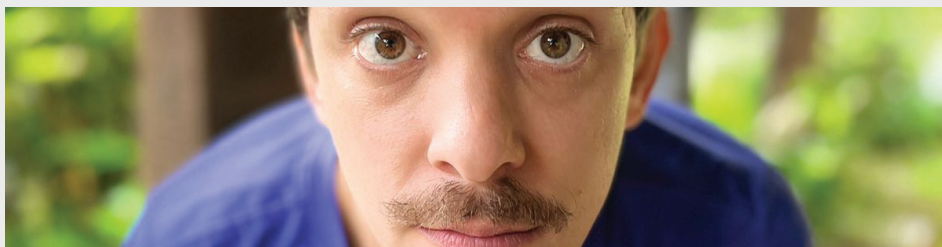


Foto: Arcevo Pessoal Diretor

17h45 - Filme Meu nome é Daniel | Daniel Gonçalves (RJ)

Daniel de Castro Gonçalves nasceu com uma deficiência que nenhum médico foi capaz de diagnosticar. No documentário em primeira pessoa o jovem relembra sua infância, por meio de registros de família, para tentar entender sua condição, enquanto no presente busca novas respostas para sua doença.

Classificação indicativa: 12 anos

Duração: 1h23

Sessão apresentada pelo diretor. Integra a mostra Deficiência em Tela, do Cine Humberto Mauro

19h30 - Sessão de curtas



Foto: Divulgação

Big Bang | Carlos Segundo (MG)

Chico ganha sua vida consertando fornos, nos quais ele facilmente entra devido ao seu tamanho. Face a um sistema que lhe exclui, não lhe resta outra alternativa que não seja a de se colocar em resistência.

Classificação indicativa: Livre

Duração: 13min59s

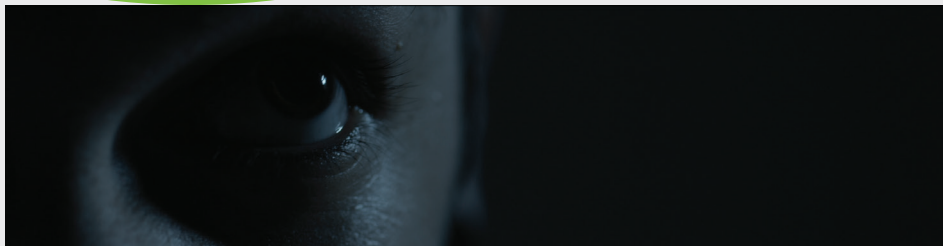


Foto: Victor Di Marco

O que pode o corpo? | Victor Di Marco e Márcio Picoli (RS)

Um bebê nasce, mas não chora. Um corpo grita e não é ouvido. As tintas que escorrem em um futuro prometido, não chegam em uma pessoa com deficiência. Victor faz de si, a própria tela em um universo de pintores ausentes.

Classificação indicativa: 14 anos

Duração: 14 minutos



Foto: Camila Bardehle Ruiz

Partindo do princípio que a Terra é plana, sou toda curva e desvio | Jéssica Teixeira (CE)

Se você admite que a Terra é redonda, você admite também que é possível morrer antes de nascer.

Classificação indicativa: Livre

Duração: 16 minutos



Foto: Victor Di Marco

Possa Poder | Victor Di Marco e Márcio Picoli (RS)

Em uma noite, Lucas, Luiza e Bia relembram as dores e as delícias de serem quem são.

Classificação indicativa: 14 anos

Duração: 19 minutos

Sessão comentada por Daniel Gonçalves (RJ), Giovanni Venturini (SP), Jéssica Teixeira (CE) e Victor Di Marco (RS). Mediação: Sara Paoliello (MG).

23/09 – Sábado - 18h

Cine Humberto Mauro - Palácio das Artes



Foto: Cauê Angeli

Filme: O Artista e a Força do Pensamento | Elder Fraga (SP)

O ARTISTA E A FORÇA DO PENSAMENTO reflete a relação entre equilíbrio e desequilíbrio dentro da parcialidade de movimento do dançarino Marcos Abranches. Ele oscila o corpo para despertar do vazio e isolamento causado pelo desequilíbrio. A falta de estética do movimento é sentida pelo abandono e pela rejeição, entendendo que o alívio está no amparo do amor. Investigando o movimento do corpo num mundo sem angústia, sem dores, sem desespero. Busca a vida. Encontra na dança o equilíbrio do corpo e o belo da alma.

O filme vai explorar e aprofundar a vida e obra do dançarino e coreógrafo Marcos Abranches. A ideia do documentário é mostrar que a pessoa e o artista caminham juntos e levam uma vida *normal*. Vamos mostrar o dia a dia com a família e o artista no palco, as obras criadas e coreografadas por Marcos Abranches como “Corpo Sobre Tela”, Forma de Ver”, Avestos”, “O Grito” e “Canto dos Malditos”, além de mostrar sua carreira internacional passando por Berlim (Alemanha), Madri (Espanha), Assunção (Paraguai), La Paz (Peru) e Bogotá (Colômbia).

Duração: 1h35min

Sessão comentada pelo curador, diretor e produtor Marcelo Cesar Silva.



Confira a programação completa da mostra **Deficiência em Tela**,
que o Cine Humberto Mauro promove de 18 a 25 de setembro.

Mais informações: <https://fcs.mg.gov.br/>

Lançamento de Livros

29/09 – Sexta-feira - 19h
Livraria do Belas

Submersa, vinte anos entre Sapos e Afogados, de Juliana Saúde Barreto (MG)

O livro “Submersa, 20 anos com os Sapos e Afogados” narra a trajetória do Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. É um livro que revela a jornada do grupo de teatro formado por portadores do sofrimento mental dirigido pela atriz Juliana Saúde Barreto, na cidade de Belo Horizonte. Desde a sua criação, em 2003, o grupo tem se dedicado a explorar a interseção entre arte e saúde mental, criando espetáculos que abordam temas diversos e que de alguma forma dialogam com a loucura e a possibilidade inventiva que ela também ensina. A partir do encontro com a atriz e diretora Juliana Saúde Barreto os atores nesse fazer resignificam a arte e o olhar para a loucura ampliando o conceito de saúde mental.

Os leitores poderão conhecer de perto a metodologia de trabalho do núcleo, que combina técnicas de teatro e acolhimento em saúde mental, e como ela foi aprimorada ao longo dos anos; as histórias por trás dos bastidores das produções e como o trabalho do grupo impactou a vida de tantas pessoas ao longo dos anos.

“Submersa” é uma obra inspiradora que mostra como a arte pode ser uma poderosa ferramenta de transformação pessoal e social. Para quem se interessa pelo teatro, pela psicologia ou pela saúde mental, este livro é uma leitura imperdível.

Juliana Saúde Barreto é mãe do Arthur, atriz, pedagoga, professora de yoga. Através desses saberes, pesquisa o brincar e a poética da infância. Durante os últimos vinte anos se dedica ao trabalho com acolhimento e criação em arte e saúde mental. É fundadora e idealizadora do Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados formado por portadores de sofrimento mental na cidade de Belo Horizonte. Se especializou em Psicopatologia e se dedica à psicanálise desde 1991.



Casa Breve, uma atriz louca em três tempos, de Viviane de Cassia Ferreira (MG)

O livro “Casa Breve, uma atriz louca em três tempos” é o primeiro da atriz e performer Viviane de Cassia Ferreira. Vivi, nesta estreia como escritora, anuncia e entrega ao mundo sua poética na criação de cenas na residência criativa “Casa Breve” realizada pelo Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados, grupo formado por cidadãos em sofrimento mental.

Fruto do trabalho da atriz em diferentes momentos durante cada uma das três edições do projeto “Casa Breve”, também idealizado por ela, essa escrita aponta caminhos para uma construção dramática que transborda e constrói lugares para a criação a partir da experiência da loucura. Entendendo a força que podemos encontrar na loucura para além do que nela sabemos fazer sofrer.

Viviane de Cassia Ferreira é performer, dramaturga, atriz formada pelo Cefart - Palácio das Artes e integra o elenco do Sapos e Afogados desde 2009. É autora do livro “Casa Breve, uma atriz louca em três tempos” pela Editora Javali. Protagonista e roteirista do longa-metragem “As linhas da minha mão” do diretor João Dumans. Ela é uma fada, uma feiticeira, dona de muita magia e encantamentos.



Oficinas



Foto: Eduardo Petrini

Arte Acessível: O Artista com deficiência, o ator criador e o teatro documentário, com Cleber Tolini

Ementa: A partir de exercícios e jogos teatrais de improvisação, será abordado o trabalho do artista criador, a criação de trabalhos solo e como pensar numa acessibilidade criativa para a cena.

Ministrante: Cleber Tolini

Formado em artes cênicas pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Consultor em roteiros de audiodescrição com Eliana Franco e Bell Machado. Atuações em diversas obras de teatro desde 1999, consultor em acessibilidade e roteiros de audiodescrição. Atualmente no elenco da novela Todas as Flores, da Globoplay. Autor e Ator do espetáculo O Subnormal - Uma História de Baixa Visão.

Público alvo: Interessados em geral, a partir de 16 anos, com ou sem experiência em teatro

20 vagas

Inscrições gratuitas: 28 de agosto a 08 de setembro

Divulgação dos selecionados: 11 de setembro

Aulas: 15 e 16 de setembro, das 9h às 13h

Local: Funarte – Galpão 1



Dança para todos os corpos, com Marcos Abranches

Ementa: A oficina visa trabalhar com a ideia de que toda e qualquer atividade proposta seja acessível a todos que realizam aquela vivência, buscando não excluir ninguém das experimentações. Serão trabalhadas práticas de consciência corporal, exploração do movimento, respiração e concentração, considerando o público a que se dirige.



Foto: Caue Angeli

Ministrante: Marcos Abranches

Diretor, coreógrafo e intérprete. Marcos Abranches iniciou sua trajetória como artista independente em 2007, trabalhando com coletivo artístico que agrega artistas de diversas linguagens. Traz em seu cerne as experiências de ter atuado na Cia. FAR 15, nos espetáculos “Senhor dos Anjos”, “Jardim de Tântalo” e “Metamorfose”, de Franz Kafka, sob direção e com coreografias de Sandro Borelli. O coletivo de artistas criado por Marcos, inicialmente, se chamava Vidança Cia, que a partir de 2017, passou a se chamar Marcos Abranches & Cia. As principais obras de seu repertório são “Formas de Ver”, “Via de Regra”, “Corpo sobre Tela”, “Canto dos Malditos” e “O Grito”. Em 2022 montou a performance “O Palhaço” que assina a direção, coreografia e interpretação, em 2023 estreou dois projetos pelo Fomento de dança que são: “O Krocodilo” e “O Idiota”, ambos em cima da obra do russo Fiódor Dostoiévski e com a concepção e direção coreográfica de Sandro Borelli. PRÊMIOS: Prêmio Denilto Gomes e vencedor na categoria Artes no Palco do Prêmio Acessibilidade, promovido pela SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco, ambos em 2013.

Público alvo: Pessoas com e sem deficiência, jovens (a partir de 12 anos) e adultos interessados em dança e preparação corporal

30 vagas

Inscrições gratuitas: 28 de agosto a 08 de setembro

Divulgação dos selecionados: 11 de setembro

Aula: 15 de setembro, das 14h às 17h

Local: Funarte – Galpão 1



Acessibilidade

Espetáculos presenciais: Acessibilidade física, Audiodescrição e Libras

Filmes: Acessibilidade física, Audiodescrição, Libras, Legendas

Oficinas, debates, rodas de conversa: Acessibilidade física e Libras

Conheça os ícones de acessibilidade que teremos em nosso Festival:



é o Símbolo Internacional de Acesso (SIA)



é o Símbolo para Libras - Língua Brasileira de Sinais



é o Símbolo para Audiodescrição



é o Símbolo para Open Caption ou Legendas Visíveis



é o Símbolo da Neurodiversidade

- Contaremos com uma equipe de receptivo em todos os espaços, com intérpretes de Libras e profissionais de audiodescrição. Na programação em que consta o ícone da neurodiversidade, contaremos ainda com dois autistas adultos para suporte.
- Para as apresentações no hall do Cine Humberto Mauro e no Palácio da Liberdade, pedimos que agendem o uso dos aparelhos de audiodescrição previamente, com a produção do evento, no telefone 31-99452-2103.
- Caso precise, BH conta com serviços especializados de táxis acessíveis, mediante agendamento prévio pelos telefones 31- 99356-5656 (Acessibilidade BH) ou 31- 99780-8484 (Táxi Cadeirante BH).
- O **Festival Acessa BH** fez todo o esforço para encontrar locais em condições de receber adequadamente todos os públicos. Onde não conseguimos garantir acessibilidade física total, cuidaremos para que não falte a acessibilidade atitudinal. Em todos os casos, nossa equipe estará presente a fim de proporcionar as melhores condições possíveis de segurança, autonomia e conforto.
- O acesso ao Memorial Minas Gerais Vale será pela Rua Gonçalves Dias, s/n, pela lateral do prédio. Eles possuem elevador.

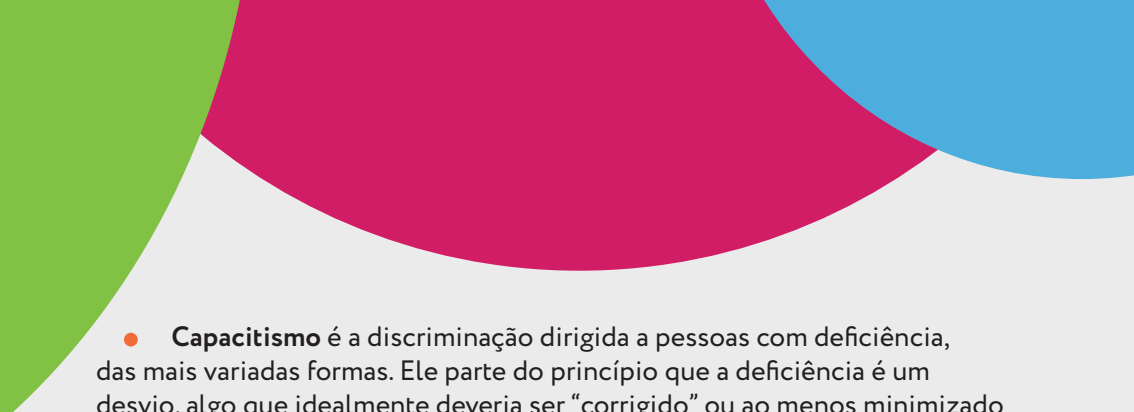
Sobre o Palácio das Artes (Cine Humberto Mauro e Teatro João Ceschiatti), cabe destacar:

- **Elevador:** A plataforma elevatória encontra-se quebrada, e o processo de troca do equipamento pode não ser concluído a tempo do nosso evento. Nesse caso, eles possuem um elevador alternativo, dentro do Grande Teatro. Para utilizá-lo, basta solicitar à equipe de segurança no saguão principal.
- **Estacionamento:** Há duas vagas para pessoas com deficiência em frente à entrada principal, na Avenida Afonso Pena. É possível ainda utilizar o estacionamento privativo da instituição, cuja entrada é pela Avenida Carandaí, desde que a pessoa apresente a credencial emitida pela BHTrans.



Terminologias e outras dicas

- Não se usa mais os termos “deficiente”, “pessoa com necessidades especiais” ou “portador de deficiência”. Atualmente, o termo adequado é “**pessoa com deficiência**”, que mantém o foco na palavra pessoa. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, “considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” Longe de considerar a deficiência como um problema particular, essa definição faz um chamado à sociedade como um todo, para assumir a responsabilidade na eliminação das citadas barreiras.



- **Capacitismo** é a discriminação dirigida a pessoas com deficiência, das mais variadas formas. Ele parte do princípio que a deficiência é um desvio, algo que idealmente deveria ser “corrigido” ou ao menos minimizado para se aproximar do padrão dito normal. O capacitismo pode ser agressivo, ao tratar as pessoas com deficiência como incapazes, inferiores, indesejáveis. Mas ele também se esconde nas bordagens excessivamente assistencialistas, que veem essas pessoas como dignas de piedade: indivíduos que merecem cuidados paliativos, mas nunca terão uma vida plena. Até mesmo as narrativas de exaltação frequentemente escorregam para o capacitismo, ao insistirem na questão da superação. Muitas vezes, a pessoa com deficiência é mostrada como um quase super-herói, que conseguiu se destacar individualmente, somente porque as expectativas relativas a alguém na mesma situação eram muito baixas. Muitos termos e expressões de cunho capacitista ainda são usados, ainda que de forma inconsciente. Alguns exemplos ofensivos são: retardado mental, sequelado, capenga, etc. Na outra ponta, dizer que alguém é “especial” por ter alguma deficiência também é capacitista, porque tenta camuflar, suavizar a limitação da pessoa.

- **Expressões capacitistas a serem abolidas do nosso vocabulário:** Mais perdido do que cego em tiroteio. Não temos braços - ou pernas para isso. Dar uma de João sem braço. Cego de raiva. Em terra de cego, quem tem olho é rei. O pior cego é aquele que não quer ver. Que mancada.

- **Acessibilidade** é a possibilidade de uso e acesso do espaço físico, transporte, meios de informação, comunicação e lazer, entre outros, com segurança, autonomia e equidade. Ela pode se traduzir em adaptações do meio físico, na flexibilização e multiplicação de canais de informação e na adequação de normas e metodologias para atender diferentes demandas. Os recursos, dispositivos, técnicas e métodos usados para promover a acessibilidade são chamados de tecnologias assistivas. Todos esses são imprescindíveis, mas devemos ter em mente que a inclusão sempre começa pela Acessibilidade atitudinal, ou seja, pela disposição em acolher, compreender e, na medida do possível, atender cada pessoa, no que ela deseja e precisa.

- O bem conhecido **Símbolo Internacional de Acesso**, composto pelo desenho de uma pessoa numa cadeira de rodas (sempre voltada para a direita), é o ícone usado para indicar acessibilidade do meio físico, não só para pessoas com deficiência física. Recentemente, a ONU propôs outro ícone, ainda não adotado de modo oficial no Brasil. Inspirado no famoso Homem Vitruviano de Da Vinci, ele é representado por uma pessoa de braços e pernas abertos, dentro de um círculo. A intenção desse ícone é abarcar de forma mais ampla os variados tipos de deficiência.



Símbolo Internacional de Acesso

- **Desenho Universal** é um conceito originalmente desenvolvido na área de Arquitetura, que propõe a concepção e construção de obras, produtos, espaços e processos que sejam de uso compreensível, intuitivo, confortável, seguro e flexível para toda e qualquer pessoa. Saindo da lógica da adaptação, o conceito sugere pensar a inclusão como um valor primordial e amplo, que inclusive vai muito além da questão da deficiência. O uso de uma porta com sensor de presença, por exemplo, independe de força, habilidade, mobilidade ou capacidade cognitiva. Por isso, ela também atende a crianças, idosos e até mesmo estrangeiros, que poderiam não entender instruções escritas. Um livro com versões em tinta, braille, áudio, com recursos táteis e de leitura fácil tem a possibilidade de atingir um número imenso de leitores, inclusive pessoas analfabetas ou analfabetas funcionais. Embora a implantação plena do Desenho universal ainda esteja longe da realidade, o conceito deveria servir como guia norteador de toda e qualquer ação e projeto, na esfera pública ou particular.

- O lema do Movimento das Pessoas com Deficiência é “**Nada sobre nós, sem nós**”. Tendo isso em mente, sempre que falar, planejar, promover algo sobre ou para pessoas com deficiência, certifique-se de que elas tenham participação plena e ativa. Inclusive no dia a dia, quando quiser saber algo sobre uma pessoa com deficiência presente no ambiente, dirija-se a ela, e não a quem estiver a acompanhando. Se for uma pessoa surda, olhe para ela, permitindo que o intérprete escute a fala, para traduzir depois. Se for uma

pessoa com deficiência intelectual, use uma linguagem fácil, de acordo com a idade dela, e espere que ela decida se necessita de ajuda para responder.

- É adequado usar o termo **“cego”** para se referir a alguém com visão mínima ou nula, e **“pessoa com baixa visão”**, para quem preserva alguma funcionalidade da visão. A pessoa que, além da deficiência visual, também tem deficiência auditiva é chamada de **surdocega**.

- Ao iniciar uma conversa com uma pessoa com deficiência visual, apresente-se. Mesmo que a pessoa a conheça, não suponha que ela vai necessariamente reconhecer sua voz. Avise antes de se afastar ou de se retirar da conversa, para que a pessoa não fique falando sozinha. Pergunte antes se a pessoa precisa e/ou deseja ser guiada. Se sim, deixe que ela lhe segure o ombro (no caso dela ser significativamente mais alta) ou o braço na altura do cotovelo, de modo que esteja sempre um passo atrás de você. Ah, e se a pessoa estiver com um cão-guia, antes de brincar ou afagar o animal naquele momento, certifique-se de que o animal está num momento de descanso.

- Clinicamente relacionado à ausência ou perda da audição, o termo **“surdez”** também tem uma forte conotação sociocultural. As expressões **“identidade surda”** e **“comunidade surda”** estão fortemente ligadas ao uso das línguas de sinais. A expressão **“surdo-mudo”**, porém, não é adequada, pois supõe uma incapacidade física de fala, o que geralmente não corresponde à realidade. Mesmo pessoas com perda auditiva severa podem aprender a falar e a fazer leitura labial. Nesse caso, elas são chamadas de oralizadas, e podem ou não usar também a língua de sinais.

- O termo correto é **“língua”** e não **“linguagem de sinais”**. Assim como as línguas orais, as línguas de sinais são sistemas complexos, com lógicas, normas e processos de desenvolvimento específicos. O alfabeto sinalizado é somente uma forma do sistema se apropriar da língua oral, e constitui sua menor parte. De forma geral, cada país tem ao menos uma língua de sinais, que não tem ligação direta com a língua oral da nação (por exemplo, há enormes diferenças entre a Libras e a Língua Gestual Portuguesa). No Brasil, além da Libras, também temos a Língua de Sinais Ka’apor Brasileira, utilizada pelo povo de mesmo nome, nativo do Maranhão.

- A expressão **“deficiência física/motora”** engloba uma enorme variedade de condições relacionadas à ausência ou má formação de alguma parte do

corpo, questões de mobilidade, força, coordenação, etc. O termo “cadeirante” é geralmente bem aceito, pelo menos num contexto coloquial.

- Se estiver conversando com uma pessoa em cadeira de rodas ou com nanismo, procure manter os olhares no mesmo nível, e evitar que a pessoa permaneça muito tempo com a cabeça erguida.
- Acessibilidade para pessoas com deficiência física/motora vai muito além das rampas. Seguindo os preceitos do Desenho Universal, ela envolve planejar espaços para a entrada e a manobra confortável de cadeira de rodas, prever o alcance e o uso autônomo de dispositivos diversos, considerando possíveis limitações de força e coordenação, e quais partes do corpo podem ser usadas no processo.
- A antiga expressão “deficiência mental”, relacionada a alguma limitação no quociente intelectual e/ou nas habilidades sociais e de autocuidado, foi substituída por “**deficiência intelectual**”.
- Mesmo entre pessoas com condições parecidas (como a Síndrome de Down, por exemplo), existe uma variação grande nas limitações cognitivas e padrões comportamentais. Com estimulação precoce e recursos de acessibilidade, todos podem desenvolver suas potencialidades e, em alguns casos, levar uma vida bastante independente.
- “**O Transtorno do Espectro Autista** é uma condição do neurodesenvolvimento, com prejuízos na comunicação, na interação social e no comportamento.” (Daniele Muffato). Atualmente, não se entende o espectro numa lógica linear (de comprometimentos mais leves aos mais severos), mas como uma combinação variável, relacionada às habilidades sociais, interesses especiais, rotinas, processamento sensorial, auto regulação, percepção, função executiva e talento (Fonte: ASPAS - Associação Pró-Autistas).
- Enquanto algumas pessoas manifestam traços mais facilmente associados ao espectro, como estereotípias (repetição de movimentos ou palavras/expressões) e ausência de comunicação verbal, outras apresentam sinais menos aparentes. A diversidade de características (que podem estar relacionadas também a outras condições), e a sutileza com que se manifestam em alguns casos, fazem com que muitas pessoas só recebam o diagnóstico tardiamente. Por esses mesmos motivos, o **TEA** nem sempre é facilmente

identificável. Recentemente, Belo Horizonte seguiu o exemplo de outras cidades e aprovou a utilização do Cordão de Girassol, como forma de identificar rapidamente pessoas com TEA e outras deficiências ocultas (como TDAH e fobias extremas, entre outras), e garantir a elas todos os direitos garantidos por lei.



- Considerando as inúmeras configurações do TEA (em relação a formas de pensar, aprender, se comunicar e se comportar), em contraponto à bastante usada fita com peças de quebra-cabeça, a Neurodiversidade é representada pelo símbolo do infinito (um 8 deitado) nas cores do arco-íris.



Serviço

Ingressos gratuitos

Cine Humberto Mauro: Retirada de ingressos 1 hora antes de cada sessão, na bilheteria do cinema. 01 ingresso por pessoa.

Funarte e Teatro João Ceschiatti: Retirada de ingressos 1 hora antes de cada espetáculo, na bilheteria dos teatros. 01 par por pessoa.

Centro Cultural Unimed-BH Minas: Retirada de ingressos 2 horas antes de cada espetáculo, na bilheteria do teatro. 01 par por pessoa.

Para os demais espaços, não é necessário retirar ingressos.

Locais

Centro Cultural Unimed-BH Minas

Rua da Bahia, 2244 – Funcionários – Belo Horizonte (MG)

Telefone: 31-3516-1360

Cine Humberto Mauro – Palácio das Artes

Avenida Afonso Pena, 1537 – Centro – Belo Horizonte (MG)

Telefone: 31-3236-7400

Funarte MG – Fundação Nacional de Artes

Rua Januária, 68 - Centro – Belo Horizonte (MG)

Palácio das Artes
Foto: Paulo Lacerda



Funarte - MG
Foto: Pedro Nacif



Palácio da Liberdade
Foto: Rodrigo Buzetti



Livraria do Belas

Rua Gonçalves Dias, 1581 - Funcionários – Belo Horizonte (MG)

Telefone: 31-2511-7151

Memorial Minas Gerais Vale

Rua Gonçalves Dias, s/n (Praça da Liberdade) – Funcionários – Belo Horizonte (MG)

Telefone: 31-3308-4000

Palácio da Liberdade

Praça da Liberdade, s/n - Funcionários – Belo Horizonte (MG)

Telefone: 31-3224-1919

Teatro João Ceschiatti – Palácio das Artes

Avenida Afonso Pena, 1537 – Centro – Belo Horizonte (MG)

Ficha Técnica



Idealização, Coordenação Geral e de Produção

Daniel Vitral e Lais Vitral

Curadoria

Brisa Marques, Daniel Vitral, Lais Vitral

Coordenação de Acessibilidade

Anita Rezende

Consultores

Bruno Grossi, Daniele Muffato, Diego Figueiredo, Elizabet Dias de Sá, Flávio Maia, Laura Martins

Produção Executiva

Duna Dias, Juliana Cancio, Svend Sorensen

Assistentes de Produção

Bianca Sanches, Giselle Mara, Jo Caravelli, Júlia Campos, Letícia Carvalho

Coordenador Técnico

Ricardo Ribeiro

Roteiristas e Locutoras de Audiodescrição

Anita Rezende, Cleide Fernandes, Jo Caravelli, Tatiana Rosales

Consultores em Audiodescrição

Elisabeth Dias de Sá, Oscar Capucho, Thais Oliveira

Receptivo para Audiodescrição

Anita Rezende e Sofia Sepúlveda



Legendista

Anita Rezende

Tradutores e Intérpretes de Libras-Português

Ademar Alves, Christianne Miranda, Cristiano Genelhu, Flávio Maia, Gabriel Benfica, Larizza Confessori, Natalie Guimarães, Rosane Lucas

Assessoria de Imprensa

Luz Comunicação – Jozane Faleiro e Wandra Araújo

Design Gráfico e Teaser

Voltz Design – Alessandra Soares, Cláudio Santos e Gustavo Santos

Site

ERA - Empório de Relacionamentos Artísticos

Redes Sociais

DeDentro Design – Luciana Pires e Henrique Oliveira

Gestão de Tráfego

Local Lab - João Paulo Netto

Registro Fotográfico e Videográfico

Filipe Abras, Gilberto Goulart, Gleidistone Silva, Marlon de Paula, Wander Marinho

Assessoria Jurídica

Dolabella Costa Campos Advocacia e Consultoria

Coordenação Administrativo-Financeira e Prestação de Contas

Vitral Bureau Cultural – Célia Vitral e Daniel Vitral

Contabilidade

Versátil Contabilidade – Luiza Vial

Agradecimentos

Para que essa terceira edição do Acessa BH fosse possível, precisamos agradecer várias pessoas que foram essenciais nessa jornada:

Reynaldo Passanezi Filho (Presidente da Cemig), Cristiana Kumaira (Diretora Adjunta de Comunicação Empresarial e Sustentabilidade), Hannah Drumond (Gerente de Comunicação e Marketing), Adielton de Freitas (Gerente de Sustentabilidade), e equipe da Gerência de Comunicação e Marketing: Aline Lacerda, Lídia Rezende, Lu Miranda, Taís Rocha, da Cemig

Mercês Fróes (Presidente do Instituto Unimed-BH), Rute Assis (Gerente), Sheila Silva (Analista de Desenvolvimento Sociocultural) e Alysson Amaral (Especialista em Desenvolvimento Sociocultural), do Instituto Unimed-BH

Maria Marighella, Léo Lessa, Aline Vila Real, Aline Solar, Dora Sá, Micheline Zandomenico, Pedro Nacif, Raquel Costa Chaves e toda a equipe da Funarte-MG

Milena Pedrosa - Secretária de Estado Adjunta de Cultura e Turismo de Minas Gerais

Sérgio Reis, Bruno Hilário, Leticia Mendes, Vitor Miranda, Sara Paoliello e toda a equipe da Fundação Clóvis Salgado

Adriana Calixto, Guilherme Baia e toda a equipe do Centro Cultural Unimed-BH Minas

Maristela Medeiros, Wagner Tameirão, Michelle Vasconcellos e toda a equipe do Memorial Minas Gerais Vale

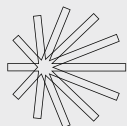
Livraria do Belas e Editora Javali

Cíntia Caroline, da Costuras do Imaginário; Bruno Grossi, Daniele Muffato e Micheline Silveira, responsáveis pelos mimos da Peixinha DoroTEA no nosso press kit; Pedro Muriel e Roberta Muriel pela poesia

Toda a nossa equipe, que se dedicou para fazer o melhor, todos os artistas que aceitaram nosso convite e ao público presente.

Nosso muito, muito obrigado!





**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet



**LEI ESTADUAL
DE INCENTIVO
À CULTURA**

CA 2018.13607.0426

Patrocínio

CEMIG



Unimed
Belo Horizonte

Apoio

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

**CIRCUITO
LIBERDADE**

**Fundação
Clóvis
Salgado**

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

Memorial
Minas Gerais
Vale



INSTITUTO
CULTURAL
VALE



PALÁCIO DA LIBERDADE

**LIVRARIA
do DELAS**



Realização

**LAIS
VITRÁL**

VITRÁL
BUREAU CULTURAL

A LIBERDADE
MORA EM
Minas
#VEMPRAMINAS

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO